



## ARTIGO ORIGINAL / ORIGINAL ARTICLE / ORIGINALE

***The route resilience of women victims of conjugal violence***

O percurso de resiliência de mulheres em situação de violência conjugal  
 La capacidad de recuperación de ruta de las mujeres víctimas de violencia conyugal

Gabriele de Vargas Marcovicz<sup>1</sup>, Maria Lucia Raimondo<sup>2</sup>, Liliana Maria Labronici<sup>3</sup>

**ABSTRACT**

**Objective:** To identify the route of resilience of women in situations of domestic violence. **Methods:** Descriptive research of qualitative approach, performed in a Police Station for Women in a city in the central region of the state of Paraná, with 10 women who reported spousal violence. The collection of speeches occurred from December 2011 to February 2012 through open interviews and were analyzed using the technique of Thematic Content Analysis. **Results:** this topic emerged: Threat to life and family integrity: the beginning of the route of resilience. It was evident that from the time when women realized that their lives and that of their children were threatened they decided to confront the situation. They were mobilized internally to break the cycle of violence, denounced the experienced, turned away from the aggressor, and sought a new scenario that would allow overcoming the trauma and the continuity of the route of resilience. **Final considerations:** Understanding the route of resilience of women in situations of domestic violence may be important for the practice of nursing care, because it can equip and encourage the nurse to act as guardian of resilience, and, also, provide improved quality of life for women and their children.

**Keywords:** Psychological resilience. Violence against women. Nursing

**RESUMO**

**Objetivo:** identificar o percurso de resiliência de mulheres em situação de violência conjugal. **Metodologia:** Pesquisa descritiva de abordagem qualitativa, realizado em uma Delegacia da Mulher de um município da região central do estado do Paraná, com 10 mulheres que denunciaram a violência conjugal. A coleta dos discursos ocorreu de dezembro de 2011 a fevereiro de 2012 mediante entrevista aberta, e foram analisados pela técnica de Análise de Conteúdo Temática. **Resultados:** emergiu o tema: Ameaça a vida e a integridade da família: o início do percurso de resiliência. Evidenciou-se que a partir do momento em que as mulheres perceberam que sua vida e a de seus filhos estavam ameaçadas, decidiram enfrentar a situação. Mobilizaram-se internamente para romper com o ciclo da violência, denunciaram o vivido, se afastaram do agressor, e buscaram um novo cenário que possibilitasse a superação do trauma e a continuidade do percurso de resiliência. **Considerações finais:** A compreensão do percurso de resiliência de mulheres em situação de violência conjugal pode ser importante para a prática de cuidado de enfermagem, porquanto poderá instrumentalizar e estimular a enfermeira a atuar como tutora de resiliência, e, também, propiciar a melhoria da qualidade de vida das mulheres e de seus filhos.

**Descritores:** Resiliência psicológica. Violência contra a mulher. Enfermagem

**RESUMÉN**

**Objetivo:** Identificar la ruta de resiliencia de las mujeres en situaciones de violencia doméstica. **Métodos:** investigación descriptivo de enfoque cualitativo, realizado en una Comisaría de la Mujer en una ciudad en la región central del estado de Paraná, con 10 mujeres que reportaron violencia conyugal. La colección de los discursos se produjo desde diciembre 2011 a febrero 2012 a través de entrevistas abiertas y se analizaron mediante la técnica de Análise de Contenido Temática. **Resultados:** surgió el tema: Una amenaza para la vida y la integridad de la familia: el principio de la ruta de resiliencia. Se evidenció que, desde el momento en que las mujeres se dieron cuenta de que su vida y la de sus hijos fueron amenazadas decidieron enfrentar la situación. Movilizándose internamente para romper el ciclo de violencia, denunciaron lo vivido, alejaronse del agresor, y buscaron un nuevo escenario que permitiera superar el trauma y la continuidad de la ruta de resiliencia. **Consideraciones finales:** La comprensión de la ruta de resiliencia de las mujeres en situaciones de violencia doméstica puede ser importante para la práctica de los cuidados de enfermería, ya que puede equipar y animar a la enfermera para que actúe como tutora de la resiliencia, y, además, ofrecer una mejor calidad de vida de las mujeres y sus hijos.

**Palabras clave:** Resiliencia psicológica. La violencia contra la mujer. Enfermería

\*Manuscrito baseado em dissertação apresentada para obtenção do título de Mestre em Enfermagem pela Universidade Federal do Paraná, 2012.

1 Enfermeira. Mestre em Enfermagem pela Universidade Federal do Paraná. Professor Adjunto do Centro de Ensino Superior dos Campos Gerais. Ponta Grossa, Paraná, Brasil. E-mail: [gabriele.vargas@yahoo.com.br](mailto:gabriele.vargas@yahoo.com.br).

2 Enfermeira. Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Universidade Federal do Paraná. Professora da Universidade Estadual do Centro-Oeste. Curitiba, Paraná, Brasil. E-mail: [maluraimondo@yahoo.com.br](mailto:maluraimondo@yahoo.com.br)

3 Enfermeira. Doutora em Enfermagem. Professor sênior do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Universidade Federal do Paraná. Curitiba, Paraná, Brasil. E-mail: [lililabronici@yahoo.com.br](mailto:lililabronici@yahoo.com.br)

## INTRODUÇÃO

O ser humano durante sua trajetória tem a possibilidade de experienciar situações favoráveis ao seu desenvolvimento e qualidade de vida, bem como a situações problemáticas, que podem afetar a existência de modo a acarretar danos profundos<sup>(1)</sup> levando-o a sucumbir diante dos problemas. Sob esta perspectiva, é possível questionar a respeito da forma como consegue transpor as adversidades e, assim, continuar seguindo seu percurso com qualidade e segurança.

Neste contexto, surge o conceito de resiliência, que pressupõe uma forma de reconhecimento do potencial de risco, sem perder a capacidade de mobilizar recursos para enfrentar tais situações. No âmbito da saúde se torna um aliado nos aspectos de promoção da saúde, pois facilita a compreensão da capacidade de enfrentamento em situações de risco relativas a algumas pessoas, e também àquelas que não conseguem responder da mesma maneira<sup>(2)</sup>.

A compreensão do processo de resiliência pela enfermeira, e a efetivação de ações que sejam específicas para o seu desenvolvimento, se concretiza em uma importante forma de cuidado, e a torna tutora da resiliência. Sob esse olhar, deve ser capaz de captar e compreender o ser humano como um todo, visto que é na subjetividade que guarda sua história, bem como os significados que atribui às adversidades<sup>(3)</sup>. Inúmeras experiências relacionadas a fenômenos adversos podem desencadear o processo de resiliência, e entre eles está a violência doméstica contra as mulheres.

A violência doméstica é um acontecimento traumático que afeta as mulheres, em maior ou menor grau, em todas as culturas idades, religiões, raças, níveis educacionais, situação socioeconômica e é praticada, majoritariamente, pelo companheiro ou ex-companheiro, assim, é denominada violência conjugal. Quando se faz presente, ela infringe os direitos elementares das mulheres, e sua manifestação ocorre pela opressão, dominação e crueldade, e que pode resultar em traumas físicos, psicológicos, sociais e profissionais.

A violência conjugal assim como outras formas de violência afeta a multidimensionalidade da mulher <sup>(3)</sup> e, com isso, o enfrentamento e a ruptura deste ciclo pode se tornar mais difícil. Dessa forma, uma revisão da literatura a respeito da resiliência, realizada no decorrer desta pesquisa, revelou que existe uma lacuna na produção de conhecimento

The route resilience of women victims of conjugal violence sobre esta temática na área de enfermagem, e quando associada ao tema violência contra as mulheres, a escassez de publicação acentua-se ainda mais.

O conhecimento produzido a partir das pesquisas poderá gerar subsídios para o aperfeiçoamento de propostas voltadas ao acolhimento, atendimento e encaminhamento das mulheres em situação de violência, com o que, se garantirá maior valorização e acesso aos direitos das mulheres<sup>(4)</sup>.

Diante do exposto, a pesquisa em tela se justifica, pois possibilitará a ampliação do conhecimento a respeito da resiliência, bem como sobre a violência contra as mulheres, e subsidiará a prática da enfermeira, no sentido de promover a saúde e melhoria da qualidade de vida da população feminina vitimizada pela violência.

Assim, o objetivo desta pesquisa foi: Identificar o percurso de resiliência de mulheres em situação de violência conjugal.

## METODOLOGIA

Trata-se de pesquisa descritiva de abordagem qualitativa, realizada em uma Delegacia da Mulher de um município localizado na região central do estado do Paraná. A delegacia atende em média 800 casos de violência contra a mulher por ano.

No que tange aos participantes da pesquisa, fizeram parte 10 mulheres em situação de violência conjugal que compareceram à delegacia para denunciar seu companheiro agressor, e que foram selecionadas aleatoriamente ao atenderem os seguintes critérios de inclusão: ser mulher com idade entre 18 e 59 anos, ter sido vítima de violência perpetrada por parceiro íntimo. O número de participantes foi delimitado por meio da saturação teórica.

A obtenção dos discursos ocorreu de dezembro de 2011 a fevereiro de 2012, mediante entrevista aberta realizada individualmente e em local privativo, disponibilizado na própria delegacia após a finalização da denúncia. Os discursos foram gravados em dispositivo de áudio mediante previa autorização das participantes e transcritos na íntegra.

A análise dos discursos ocorreu mediante a utilização da técnica de Análise de Conteúdo Temática, e foi objetivada em três etapas: a pré-análise, exploração do material e a interpretação dos resultados<sup>(5)</sup>, diante da qual emergiu o tema:

Ameaça a vida e a integridade da família: o início do percurso de resiliência.

A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Paraná sob o Parecer 1223.148.11.09-CEP/UFPR, CAAEE 0150.0.091.208-11. E em anuência aos preceitos éticos previstos na Resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde, as entrevistas foram coletadas somente após o aceite e a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Para garantir o anonimato, as mulheres tiveram seus nomes substituídos pela letra M, seguida de um número arábico em ordem crescente de realização das entrevistas.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

O perfil das participantes evidenciou que a idade variou entre 19 e 47 anos, todas eram separadas de seus parceiros no momento da entrevista, e tinham filhos. O ensino fundamental incompleto foi a escolaridade predominante, e a profissão ou ocupação de empregada doméstica, comerciante, cabeleireira, cozinheira e do lar foram as mais citadas. No que se refere ao tipo de violência sofrida, as mencionadas foram: física, psicológica, patrimonial e ameaça contra a vida.

Mesmo sofrendo outras formas de violência, as mulheres participantes da pesquisa, resistiram a diversos processos de destruição, e permaneceram no convívio com o companheiro por longos períodos. Todavia, este ciclo foi rompido no momento em que se perceberam frente à eminente ameaça à vida, conforme explicitado a seguir:

*Quando começou a beber, tudo mudou na nossa relação [...]. Ele (companheiro) disse que iria me matar, matar a nossa filha mais nova de quatro anos que é especial e, em seguida, se mataria [...]. Eu cuido do meu pai de 77 anos que é bem doente [...]. É por eles que eu tenho que lutar. (M1)*

*Meu filho tem um ano, e nesse um ano, ele me agrediu várias vezes na frente da minha mãe. Em qualquer lugar me xingava e me ameaçava. Disse várias vezes que iria me matar. Perguntou para minha irmã e para a minha mãe o que achavam de eu estar morta. Com isso, estou com muito medo. Por isso estou insistindo e denunciando ele. (M7)*

As participantes da pesquisa sofreram violência física, psicológica e patrimonial, mas o que culminou no rompimento da relação, e as incitou a dar um basta ao ciclo de violência em que viviam, e a buscar mecanismos para seu enfrentamento foi a ameaça de morte. Esse achado vai ao encontro de pesquisa realizada em um centro de referência e

The route resilience of women victims of conjugal violence atendimento à mulher em situação de violência doméstica, de Curitiba e região metropolitana, ao constatar que as participantes decidiram enfrentar a situação traumática, a partir do momento em que foram ameaçadas de morte, assim como seus filhos. A eminência da própria morte, bem como o medo de que os familiares também fossem violentados, levou as mulheres a afastarem-se do companheiro autor da violência, e a denunciá-lo<sup>(3)</sup>.

Dados de outro estudo realizado<sup>(6)</sup>, também revelaram que as mulheres só enfrentaram a violência sofrida, quando se sentiram ameaçadas em sua integridade por armas de fogo (31%), ou quando os espancamentos deixaram marcas, fraturas ou cortes (21%), ou ainda diante de ameaças de espancamento contra si mesmas ou contra os filhos (19%).

O desejo de oferecer proteção e segurança aos entes queridos, impulsionou as mulheres em situação de violência a buscarem mecanismos para a sua própria proteção e segurança. As participantes da pesquisa se percebiam como pilares para a manutenção da vida e bem estar dos filhos, e isso as levou a uma mobilização interna que impulsionou o enfrentamento da violência conjugal, fato que pode ser constatado nas falas abaixo:

*A minha filha precisa viver bem, e com o pai batendo na mãe [...] é difícil, está muito difícil. A minha cabeça está muito confusa, a minha situação está complicadíssima. A única certeza que tenho é que preciso me proteger pra que eu consiga proteger a minha filha. (M5)*

*[...] penso que preciso ir em frente com o processo porque temo muito por mim e principalmente pela minha filha, sei que se não fizer nada, algo pior pode acontecer [...]. Preciso estar viva e bem para poder cuidar dela, que depende de mim. (M1)*

Os efeitos da opressão relacionados à violência podem nunca desaparecer, no entanto, a disposição para avaliar o vivido, propicia uma abertura para recuperação pessoal<sup>(7)</sup>. Nesse sentido, as participantes da pesquisa evidenciaram a necessidade de buscar proteção em uma rede de enfrentamento.

A proteção de si e de seus filhos implicou na mobilização de recursos emocionais internos, que serviram como instrumentos para o enfrentamento, a superação e a adaptação a uma nova situação. Com isso, os fatores de proteção minimizam os impactos que o risco pode deferir no desenvolvimento do ser humano<sup>(8)</sup>.

O desejo de dar proteção, segurança, harmonia, uma vida digna e sem violência aos filhos, é o que estimulou o percurso de resiliência das mulheres vitimizadas pela violência conjugal. Embora as rupturas com o passado repleto de dor e sofrimento possam deixar marcas, possibilitam garantir a integridade física da mulher em situação de violência doméstica, bem como de seus filhos<sup>(9)</sup>.

A mulher ao se responsabilizar pelo cuidado, educação, e direcionar afeto e proteção à seus filhos, percebe que suas ações repercutem no seu desenvolvimento. A perspectiva de uma vida melhor impulsiona a aptidão de resiliência, na qual ocorre a ativação do ser, estar, ter, poder e querer, pela autorregulação e autoestima, de modo a possibilitar ao ser humano, superar as pressões do seu mundo, desenvolver autoconfiança e, assim, autoproteção. Esta abertura permite a disposição a uma nova realidade<sup>(10)</sup>.

Outro fator que levou as mulheres a enfrentar o vivido da violência, foi a percepção de que conviver em um ambiente onde impere a violência, não é salutar para o bom desenvolvimento dos filhos. Esta percepção despertou nas participantes o desejo de enfrentar o problema e quebrar o ciclo violento em que vivia a família, e a vislumbrarem mecanismos que assegurasse a integridade e a segurança de si e dos filhos. Tal preocupação foi expressa nos fragmentos dos discursos a seguir:

*Eu não quero que a minha filha cresça vendo o pai maltratar a mãe [...] beber e violentar a mãe [...]. Foi a partir dela, por ela que vou enfrentar essa situação até as últimas consequências. O que for necessário fazer, vou fazer. Se eu não fizer alguma coisa, sei que ela nunca terá respeito por mim e nem pelo pai. Isso não pode acontecer. Um filho precisa admirar pai e mãe, e quando a violência está presente isso não acontece. Sei, porque vi muito meu pai bater na minha mãe, e prometi que nunca iria passar por isso. Minha mãe nunca fez nada, mas eu não admito. (M5)*

*Ele nunca teve paciência com o meu piá, batia nele. Com isso eu me doía, e as brigas se tornavam mais fortes. Ele me batia também (choro) [...]. Só consigo pensar no meu filho (choro). Ele não precisa passar por isso. Não merece isso para a vida dele. Ele é um menino inteligente, merece um futuro melhor, oportunidades que nunca tive. E se ficar vendo a mãe apanhar, ou apanhar de uma pessoa que nem pai dele é, imagina como vai ficar a cabecinha dele. Não dá. (M10)*

*As crianças não têm culpa disso; elas não precisam estar vendo e participando disso, porque, de certa forma, elas participam. E ver a mãe apanhando e o pai batendo, não é legal para a educação deles. Então eu busquei ajuda porque eu percebi que os meus*

The route resilience of women victims of conjugal violence

*filhos não precisavam passar por isso, e ele precisa ver que eu estou lutando contra essa situação. (M6)*

As mulheres participantes da pesquisa perceberam a necessidade de romper o ciclo da violência, afastando-se do convívio com o companheiro autor de violência, ao compreenderem que não é saudável para si e os filhos estarem inseridos em um ambiente repleto de adversidades. Os danos relacionados à experiência deste fenômeno<sup>(11)</sup>, repercutem diretamente no bem estar psicológico da vítima e no desenvolvimento saudável dos filhos:

Há que se destacar que a infância é a fase do desenvolvimento humano marcado por descobertas e pela formação de caráter e comportamento na vida adulta. Neste sentido, a criança que presencia as agressões perpetradas pelo seu pai contra sua mãe, tende a repetir o mesmo ato quando na vida adulta<sup>(12)</sup>. Corroborando com este achado, um estudo realizado na Inglaterra, evidenciou que as interações familiares que ocorrem permeadas por perturbações, e o estresse vivenciado nos primeiros anos de vida, podem influenciar o desenvolvimento mental e intelectual das crianças<sup>(13)</sup>. Assim, é necessário manter um relacionamento familiar harmonioso, a fim de permitir a interação entre os membros, e fortalecer o vínculo e o respeito. Estes aspectos habilitam as crianças, em especial, a modular o seu autoconceito, as atribuições que fazem de si, e as características pessoais<sup>(14)</sup>.

A criança que vivencia a violência no espaço doméstico, vive em um ambiente opressivo, que pode gerar medos e impotências<sup>(7)</sup>. Com isso, o relacionamento familiar pautado na instabilidade emocional, tende a acarretar prejuízos ao desenvolvimento infantil, bem como estimular a propagação do comportamento violento na resolução dos conflitos.

Frente à percepção de que a violência poderá ocasionar danos tanto físicos, como psicológicos e ao desenvolvimento das crianças, as mulheres denunciaram o autor de violência e buscaram meios para enfrentarem e romper com o ciclo de violência vivenciado pela família, como é percebido nos discursos abaixo:

*Das outras vezes que registrei Boletim de Ocorrência eu não representei contra ele, justamente por achar que poderia ser pior. Mas dessa vez está demais! Vou representar, mesmo que isso gere mais ódio nele. É um risco que eu vou ter que correr para sair disso. (M1)*

*Ele me batia, me xingava e eu não conseguia saber o que fazer por causa disso. Comecei a ficar muito nervosa, desconfava em todos que estavam perto, [...] com isso, fui buscar ajuda do médico do postinho e ele me receitou calmante. Depois de muito sofrimento eu tive coragem de vir até aqui (Delegacia da Mulher) e denunciar ele, e essa foi a minha única alternativa. Só aqui eu consegui apoio para lutar contra ele. (M3)*

*O pessoal do pronto socorro (Profissionais de saúde) disse que eu tinha que denunciar, e aí resolvi denunciar. Fui atrás, vim na delegacia registrei boletim e vou dar continuidade. Também, se eu deixar quieto ele não vai sentir e vai continuar fazendo isso. (M6)*

*Eu não tinha coragem de denunciar. Uma vez eu cheguei até a porta da delegacia e voltei embora, com medo de ele ser preso e de que quando fosse solto tudo ficasse pior, e que ele ficasse mais nervoso e me matasse. Hoje eu sei que eu tenho que denunciar, e que só assim alguma coisa poderá ser feita com ele. Hoje eu estou aqui e vou dar continuidade. Vou até para o fórum. (M9)*

A denúncia da violência sofrida mediante a procura da delegacia da mulher representou para as participantes desse estudo, uma porta que se abriu para darem início a luta contra o agressor, bem como o rompimento com a violência conjugal. Esse achado vai ao encontro de pesquisa realizada<sup>(15)</sup>, na qual constatou-se que 81,3% das mulheres que sofreram violência por parceiro íntimo buscaram uma delegacia como forma de enfrentamento da situação vivida.

A legislação específica de combate à violência contra a mulher sancionada pela Lei 11.340/2006, a chamada Lei Maria da Penha, pode ter contribuído para que a busca pelas delegacias tenha se tornado uma opção para dar início ao enfrentamento da violência sofrida. Tendo em vista que, ao registrar o boletim de ocorrência, seja em uma delegacia especializada, seja em uma delegacia distrital, a mulher poder solicitar medidas protetivas de urgência, o que faz com que o agressor seja afastado do seu convívio, garantindo, mesmo que de maneira temporária, a sua integridade e de sua família<sup>(16)</sup>.

Faz-se relevante destacar que a formação de uma ampla rede de apoio, composta não somente pelas delegacias, mas por casas abrigos, centros de referência, Setor de Saúde e Assistência Social, assume importante função para a garantia da integralidade da atenção e bem estar das mulheres que foram vítimas de violência<sup>(17)</sup>. Nesse sentido, ao considerar estar segura, a mulher em situação de violência conjugal sente-se fortalecida para o

The route resilience of women victims of conjugal violence enfrentamento da situação vivida, e pode buscar um novo cenário para dar continuidade a sua vida.

Deixar para trás um ambiente hostil, e vivenciar um novo espaço em que a violência já não está mais presente, pode propiciar às mulheres e seus filhos um viver mais tranquilo, facilitar as novas descobertas e, dessa maneira, ajudar no reequilíbrio da totalidade humana<sup>(18)</sup>.

Ao se afastarem do convívio com o companheiro que praticava violência, as mulheres buscaram se adaptar a uma nova vida, o que as levou ao encontro de um novo cenário, como é expresso nos seguintes fragmentos dos discursos:

*Depois da separação, levei um tempo para me adaptar sem ele em casa. De uma certa forma, a gente sente falta. Na verdade não sei se é sentir falta mesmo. Acho que é costume com a pessoa. Mas depois que passou, me sinto melhor todos os dias. Como se um peso tivesse sido tirado das minhas costas. Sei que vou chegar em casa e ninguém vai me humilhar, me xingar. (M9)*

*Quando saí de casa, não tinha muito apoio da minha família. Na verdade quem me auxiliou foi minha madrastra, que convenceu meu pai a me deixarem ficar na casa deles até que conseguisse dar um rumo na minha vida [...] Mas precisei buscar ajuda, afinal quando saí de casa, estava sem nada. E é ela (madrasta) que está me dando forças. (M10)*

A adaptação a um novo contexto seja ele no próprio lar, antes coabitado pelo companheiro autor de violência, ou em um novo local, permitiram o distanciamento emocional, necessário para o desenvolvimento dos mecanismos de defesa, como a negação, o isolamento, a fuga para frente, ou seja, impedir o regresso a angústia vivida nos momentos de violência, desenvolver a criatividade e abertura a novas experiências<sup>(19)</sup>.

O rompimento com o passado e a busca por um futuro mais harmonioso, pode levar a mulher a uma reflexão, a fim de melhor compreender a sua realidade, a relação consigo e com os outros. Nesse aspecto, é possível evidenciar a importância de estar inserido em um ambiente saudável e harmonioso, e de acordo com estudo realizado com mulheres vítimas de violência doméstica residentes em uma casa abrigo, o acolhimento modifica o ser e estar no mundo, propicia segurança e proteção<sup>(18)</sup>.

Com isso, faz-se relevante destacar a necessidade da ação intersetorial e o trabalho em rede dos setores da saúde, justiça, educação e bem estar no que concerne às redes de apoio e proteção à mulher e família em situação de violência, visto

que além de oferecer segurança, pode impulsionar o processo de superação do vivido<sup>(20)</sup>.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa em tela permitiu revelar que as mulheres participantes haviam sofrido e suportado diversos tipos de violência durante o tempo em que conviveram com seus cônjuges, dentre as quais destacou-se a violência física, psicológica e a verbal. Todavia, a partir do momento em que perceberam que sua vida e a de seus filhos estavam ameaçadas, as mulheres decidiram enfrentar o vivido.

Movidas pela necessidade de se proteger para poder oferecer proteção aos familiares, as mulheres vítimas de violência foram capazes de procurar a delegacia para denunciar o que viviam. Mobilizaram-se internamente para romper com o ciclo da violência, denunciaram o vivido, se afastaram do agressor, e buscaram um novo cenário que possibilitasse a superação do trauma e a continuidade do percurso de resiliência.

As atitudes de enfrentamento, superação e adaptação à nova realidade evidenciaram que as participantes estão trilhando o percurso de resiliência, porquanto encorajaram-se a denunciar o vivido da violência, conseguiram manter-se afastadas do autor da violência, e buscaram um novo sentido para suas vidas.

A compreensão do percurso de resiliência de mulheres em situação de violência conjugal pode ser importante para a prática de cuidado de enfermagem, vez que poderá instrumentalizar e estimular a enfermeira a atuar como tutora de resiliência, e, propiciar melhoria na qualidade de vida das mulheres e seus filhos.

Frente a escassez de estudos desta natureza, é inegável a necessidade de que outras pesquisas sejam desenvolvidas, a fim melhor instrumentalizar Enfermagem para a promoção da resiliência e, assim, contribuir para a melhoria da qualidade de vida das mulheres em situação de violência, e de seus filhos.

## REFERÊNCIAS

1. Benetti IC, Crepaldi MA. Resiliência revisitada: uma abordagem reflexiva para principiantes no assunto. *Rev Electronica de Investigación y Docencia REID* 2012; 7: 7-30. Disponível em: <http://www.ujaen.es/revista/reid/revista/n7/REID7art1.pdf> Acesso em: 10/08/2013.

The route resilience of women victims of conjugal violence

2. Silva MRS, Silva PA, Dias AB, Medeiros GL, Silva BT, Botelho LR. Aplicações e Implicações do conceito de resiliência na prática de enfermagem/saúde. *Cienc Cuid Saude*. 2009; 8 (suplem.):55-61

3. Labronici LM. Resilience in women victims of domestic violence: a Phenomenological view. *Texto e Contexto Enferm*. 2012; 21(3): 625-32.

4. Siqueira VB, Pequeno DNL, Campos MEAL. Profile of women victims of violence perpetrated by intimate partners. *Rev Enferm UFPI* [serial on the Internet]. 2013 Oct - Dec [cited 2014 mai 29]; 2(4):9-15. Available from: <http://www.ojs.ufpi.br/index.php/reufpi/article/view/1264/pdf>

5. Bardin L. Análise de conteúdo. Lisboa/Portugal: Ed.70; 2011.

6. Fundação Perseu Abramo. Violência doméstica. São Paulo, 2011. [Acesso em: 15/09/2011]. Disponível em: [www.fpabramo.org.br/sites/default/files/cap5.pdf](http://www.fpabramo.org.br/sites/default/files/cap5.pdf)

7. Anderson, KM. Enhancing resilience in survivors of family violence. Springer Publishing Company: 2010.

8. Poletto M. Resiliência: nova perspectiva sobre as potencialidades humanas. *Polêmica Revista Eletrônica* 2008; 7(3).

9. Trigueiro TH. O processo de resiliência de mulheres vítimas de violência doméstica: contribuições para o cuidar em enfermagem [Dissertação]. Curitiba (PR): Universidade Federal do Paraná; 2011.

10. Soria DAC, Bittencourt AR, Menezes MFB, Sousa CAC, Souza SR. Resiliência na área da enfermagem em oncologia. *Acta Paul. Enferm*. 2009;22(5): 702-6.

11. Crawford E, Liebling-Kalifani H, Hill V. Women's Understanding of the Effects of Domestic Abuse: The Impact on Their Identity, Sense of Self and Resilience. A Grounded Theory Approach *Journal of International Women's Studies* 2009;11. Disponível em: <http://www.bridgew.edu/soas/jiws/Nov09v2/HelenCrawford.pdf>

12. Vieira EM, Perdona GSC, Santos MA. Fatores associados à violência física por parceiro íntimo em usuárias de serviços de saúde. *Rev Saúde Pública* 2011;45 (4):730-7.

13. Zerk DM, Mertin PG, Proeve M. Domestic violence and maternal reports of young children's functioning. 2009. *Journal of Family Violence* 247: 423-432

14. Milani RG, Loureiro SR. Famílias e violência doméstica: condições psicossociais pós ações do

conselho tutelar. *Psicol. cienc. prof.* 2008;28,1: 50-67.

15. Silva RA, Araújo TVB, Valongueiro S, Ludermir AB. Enfrentamento da violência infligida pelo parceiro íntimo por mulheres em área urbana da região Nordeste do Brasil. *Rev Saúde Pública* 2012;46(6):1014-22.

16. Carneiro AA, Fraga CK. A Lei Maria da Penha e a proteção legal à mulher vítima em São Borja no Rio Grande do Sul: da violência denunciada à violência silenciada. *Serv. Soc. Soc.* [Internet]. 2012. [acesso 06 jun 2014];1109:369-97. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ssoc/n110/a08n110.pdf>

17. Lucena KDT, Silva ATMC, Moraes RM, Silva CC, Bezerra IMP. Análise espacial da violência doméstica contra a mulher entre os anos de 2002 e 2005 em João Pessoa, Paraíba, Brasil. *Cad. Saúde Pública.* 2012; 28(6):1111-1121.

18. Labronici LM, Ferraz MIR, Trigueiro TH, Fegadoli D. Perfil da violência contra mulheres atendidas na pousada de Maria. *Rev. esc. enferm. USP* 2010;44(1):126-33.

19. Cyrulnik B. *Os patinhos feios.* São Paulo: Martins Fontes; 2004.

20. Lettiere A, Nakano AMS. Violência doméstica: as possibilidades e os limites de enfrentamento. *Rev. Latino-Am. Enfermagem.* 2011;19(6):1421-28.

**Sources of funding:** No

**Conflict of interest:** No

**Date of first submission:** 2013/07/07

**Accepted:** 2013/05/23

**Publishing:** 2014/07/01

#### **Corresponding Address**

**Gabriele de Vargas Marcovicz**

Universidade Federal do Paraná - UFPR

Endereço de correspondência: Av. Carlos Cavalcanti

8000 - Uvaranas - Ponta Grossa -Pr. CEP 84030-000.

Telefone para contato: (42) 99631419.

E-mail: [gabriele.vargas@yahoo.com.br](mailto:gabriele.vargas@yahoo.com.br)